



A fuga de Cleide

Alexandre Santos

Aborda a reação da sociedade de Nossa Senhora de ValVerde diante da partida de Cleide Vespasiano.

A cidade ainda rescendia Carnaval, exalando forte cheiro de beco abrandado por misto de cerveja, suor e batom, quando soube da tragédia pelos jornais, prontamente repercutida e ampliada pelo zum-zum-zum das esquinas: a desempregada Cleide Vespasiano, após saber da ordem de despejo, caiu em desespero e, abraçada ao filhinho, sem dar chance às boas almas que sempre surjem nas últimas horas, pulou para a morte na ponte da baía de ValVerde, no extremo norte da cidade.

A trágica notícia colheu a cidade desprevenida, pois, naqueles dias, além de empanturrada de notícias 'água com açúcar' plantadas pela mídia para desviar a preocupação das pessoas da profunda crise econômica, a cidade ainda estava ressecada da festança de Momo. Os jornalistas mais experientes diriam que, se não carregasse carga dramática tão forte, o suicídio de Cleide não teria ocupado mais do que uma notinha de pé de página nos jornais menos prestigiados. Mas, não foi isso o quê ocorreu. Aliás, justamente por saber dos aspectos políticos e econômicos evocados por aquelas mortes, os redatores (que, sem admitir publicamente, sabiam a causa das mazelas espalhadas pelo País) deram destaque à notícia, deixando que o sentimento crítico das pessoas fizesse o resto.

Os redatores estavam certos e em poucas horas não se falava outro assunto na cidade. Todos sabiam e comentavam as mortes, procurando culpados para a desgraça.

No Penado, vila de funcionários da Pilgrimm - empresa onde Cleide trabalhara por onze anos, até ser demitida há uns dez meses, num corte geral que, junto com ela, ceifou o emprego de dezenas de colegas - na periferia de Nossa Senhora de ValVerde, mal acreditando no noticiário das rádios e das televisões, as pessoas lembravam de como, de uns seis meses para cá, sem conseguir emprego ou outro lugar para morar, vivendo de pequenos bicos (as fofoqueiras chegaram a dizer que ela tinha se prostituído), depois de perder o crédito no comércio local para o fiado de feiras semanais cada vez mais raquíticas, Cleide passara a depender da caridade dos vizinhos, pedindo um pouco disto e daquilo, sobretudo mantimentos (feijão, arroz, biscoito, fubá, farinha, ovos, pão e, mesmo, alguma pelanca de carne) e [pedindo] o empréstimo de dinheiro para o gás, a água e a

energia. Naquele momento de comoção, ninguém lembrou de que, nas últimas semanas, como Cleide já não tinha outro assunto a não ser pedir coisas, os vizinhos passaram a evitá-la. Ninguém também lembrou que, quase no final da vida, já sem ter a quem pedir, Cleide passara a furtar, chegando mesmo a ser detida e levada à delegacia pelo dono de uma mercearia, só escapando da prisão porque o delegado, que a conhecia de longas datas, se apiedara dela, chegando a dar-lhe uns reais para algumas compras. Depois daquele episódio, a situação piorou, pois as pessoas se afastaram, torcendo, no íntimo, para que ela se mudasse ou, simplesmente, desaparecesse. Agora, no entanto, já sem ter o quê fazer, Cleide e seu filhinho eram só lembranças e, mesmo sem admitir, lá no fundo, todos sabiam que, se tivessem sido mais solidários, talvez aquela tragédia pudesse ter sido evitada. Dias mais tarde, analisando o sentimento de culpa dos vizinhos de Cleide, um psicólogo social os eximiu de culpa, lembrando que, sob as condições extremas vividas no Penado, seria natural que, antes de pensar nas outras, as pessoas pensassem em si próprias. "É o egoísmo advindo das crises" explicara ele.

Em vida, Cleide jamais imaginou que, um dia, seria tão falada na cidade.

Não foi diferente na Pilgrimm.

Pelos corredores da empresa, puxando um pouco da memória, todos lembravam de como a colega sempre falava do filhinho, cujo pai, segundo o falatório do chão de fábrica, era um antigo encarregado de produção que, pouco se lixando para a aliança usada na mão esquerda, assediava as subordinadas, delas cobrando pedágios sexuais para mantê-las no emprego. Eles não lembravam de muito mais. Na realidade, permanentemente atormentados pelo fantasma do desemprego, os funcionários da Pilgrimm não tinham cabeça para recordações e elucubrações. Agora, imaginando que o acontecido com Cleide poderia acontecer com qualquer um, mesmo envergonhados com a própria covardia, ao invés de lutar contra a iminência de desemprego e contra o desamparo que a levaram ao seu suicídio, nos antigos colegas passaram a olhar de lado, apequenaram revoltas e, fingindo uma normalidade inexistente, se agarraram com unhas e dentes aos empregos que ainda tinham.

De sua parte, igualmente chocado com a notícia, o gerente geral Floro Dias não recordava da ex-funcionária e precisou consultar o fichário do setor de recursos humanos para lembrar quem era a tal Cleide Vespasiano, cujo rosto se perdia entre as muitas outras que contratara, convivera e demitira naqueles tantos anos de empresa. Floro sequer associava Cleide ao episódio (muito comentado na ocasião) no qual, ao receber o aviso prévio, na sequência do grito "Ai, meu Deus, o quê vou fazer agora?", ela entrara em choque, passando vários minutos desacordada.

Embora não se considerasse pessoalmente responsável por qualquer desligamento de pessoal, especialmente nas demissões em massa ocorridas no âmbito das reduções de custos que tentavam salvar a Pilgrimm da crise, Floro imaginou por alguns instantes que, se as coisas não tivessem acontecido da forma como aconteceram, Cleide não teria feito o que fez. O pensamento passou e, sem qualquer remorso, o gerente geral da Pilgrimm fechou o jornal e, temendo precisar fazer mais alguma demissão naquele dia, voltou ao cotidiano da empresa.

Na sala da presidência do grupo Pilgrimm, alertado para a notícia da tragédia pela secretária executiva Samantha, depois de apurar que fizera tudo certo e de acordo com a lei, o doutor João Epaminondas ficou com a consciência tranquila. 'Graças a Deus', pensou ele, 'Não temos qualquer culpa pelo ocorrido'. Há poucos instantes, munido de toda a papelada, o advogado da empresa lhe explicara que a ex-funcionária Cleide Vespasiano (a qual, frisara o advogado, recebera todas as verbas rescisórias previstas na lei e nos acordos com o sindicato) fora alvo de uma ação de reintegração de posse porque, mesmo demitada e avisada várias vezes, não desocupou o imóvel mantido pela Pilgrimm para empregados ("e só para eles", ressaltara o advogado) no bairro do Penado. Aliás, a ordem de despejo, explicou o advogado, só fora emitida em função da resistência de Cleide em desocupar o imóvel pacificamente conforme o juiz Eugênio Martins determinara no mandato de reintegração de posse exarado a quase um mês. Por uma questão de garantia, o presidente João Epaminondas só se deu por satisfeito quando falou com o juiz e velho amigo Eugênio Martins, o qual, jurando viver na paz do espírito, garantiu terem feito tudo correto, conforme manda a lei. Aliviado, sem qualquer peso capaz de perturbar-lhe o sono, prometendo-se incluir Cleide e seu filhinho nas orações que fazia antes de dormir, o presidente João Epaminondas fez o sinal da cruz como bom cristão e interfonou para o gerente-geral Floro Dias. Ele queria, ainda naquele dia, verificar a eventual persistência de custos desnecessários cujo corte pudesse afastar a Pilgrimm da crise que estava batendo à porta de todos.

Os funerais de Cleide e do seu filhinho ocorreram no dia seguinte, sob forte emoção. Muita gente, muito choro, muitas críticas às coisas que levam pessoas a querer por um ponto final na própria vida. Mãe e filho foram sepultados em covas rasas, lado a lado. Em morte, ficariam juntos como sempre estiveram em vida. Quem sabe, na próxima vida, se houver uma próxima vida, eles possam viver em paz e ser felizes, como merecem todos os filhos de Deus.